



**sala preta**  
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v21i2p1-3

## EDITORIAL

**Alessandra Montagner**

**Andreia Nhur**

**Henrique Rochelle**

**Marcos Bulhões**

**Sofia Rodrigues Boito**

**Suzana Schmidt Viganó**

**& Verônica Veloso**



Após anunciar e efetivar o seu retorno neste ano de 2022, a Revista Sala Preta dá prosseguimento ao seu novo projeto editorial, que encontra agora o desafio de colocar-se no mundo. Este é o primeiro número na retomada da Sala Preta a seguir o processo de Fluxo Contínuo, com a submissão espontânea de textos por diversos autores, recebidos desde a reabertura do periódico. Neste caminho, encontramos as diversas dificuldades do processo de edição de revistas acadêmicas, enfrentando os prazos; o re-estabelecimento do processo de avaliação por pares; o encontro de pareceristas aptos e disponíveis a avaliações; e, sobretudo, a delicada comunicação entre autores - editores - avaliadores - revisores - diagramadores. São muitas as dimensões que formam esse processo complexo, e, com este segundo número, seguimos na sua construção.

Neste número são publicados cinco artigos que abordam as Artes da Cena a partir de diferentes perspectivas, fazendo dialogar tradição, contemporaneidade, produção artística e pedagogia. O número também conta com uma resenha e retoma a seção de críticas da Revista.

No artigo “O Fetiche da Experiência no Teatro”, Tiago Fortes discute processos de construção de valores universais que são usados como parâmetros para deslegitimar experiências pessoais e convertê-las em fetiche. Partindo de Jorge Larosa e analisando o discurso de formadores de atuação, o autor busca a recorrência desses processos, e os modos como, através deles, a experiência de atores e atrizes são subsumidas.

Por sua vez, em “Dramaturgia como performance alegórica” Ingrid Koudela desenvolve conceitos oriundos de sua mais recente pesquisa em torno da alegoria. Enfocando sua análise sobre a dramaturgia, a autora compreende a escrita da cena como um jogo que articula diferentes elementos, não hierárquicos, tomando como ponto de partida a noção de *tableau*. O artigo desenvolve tais conceitos teóricos em relação direta com contextos de práticas pedagógicas e de encenação.

No artigo “Jacques Copeau e o Instinto Dramático da Criança”, Rodrigo Scalari encontra na criança um modelo para a pedagogia teatral. O artigo foca a noção de instinto dramático desenvolvida por Jacques Copeau e Suzanne Bing, interseccionando-a ao conceito de instinto teatral de Nicolas Evreinov, para evidenciar a importância fundamental do instinto dramático na construção da rede de práticas de formação do ator na *École du Vieux Colombier*.

No artigo “A Morte de Quixote e o Teatro do Futuro”, Natacha Dias analisa aquilo que identifica como a renovação da pedagogia de Mikhail Tchekhov a partir da morte simbólica de seu *alter ego*, Dom Quixote. A autora destaca a imagem como fenômeno articulador, e a reincidência da temática da morte na trajetória pessoal do artista.

Em “Folia em revista: o teatro de Walter Pinto e a festa carnavalesca carioca” Maximiliano Marques apresenta uma investigação histórica, a partir de pesquisa bibliográfica e iconográfica, acerca das encenações do teatro de revista do carioca Walter Pinto e suas implicações estéticas no carnaval do Rio de Janeiro.

Heloísa Pacheco de Souza retoma a seção de críticas da Revista com o texto “Eu, Protagonista”. A autora critica a obra *Fuck Me*, de Marina Otero, enfocando o que identifica como um movimento da cena contemporânea latino-americana: modos de exploração da autoficção e do depoimento pessoal como gesto político feminista, que entrelaça produção de cena e processos de subjetivação.

Na resenha “O diálogo entre materiais e a construção da desordem” Maria Lúcia Pupo discute o livro *Guerras Civis: Ilhas de Desordem de Heiner Müller*, de Ingrid Dormien Koudela, ressaltando a abordagem que a autora faz de aspectos da teatralidade e dramaturgia do diretor teatral alemão Heiner Müller, atentando para a fragmentação textual, a intertextualidade e as possibilidades lúdicas de suas peças, frente à importância da leitura original e local no entendimento do trabalho deste autor.

Desta forma, os diferentes textos que compõem este número delineiam uma perspectiva para a pesquisa em Artes Cênicas que faz dialogar passado e futuro, tradição e re/invenção da cena. Foi gratificante ver, sobretudo após o período de interrupção de publicação da Revista, o contínuo interesse e contribuição dos autores e da comunidade acadêmica em sua realização. É este aporte que justifica e possibilita a continuidade do projeto da Sala Preta.

Os editores,

Alessandra Montagner, Andreia Nhur,  
Henrique Rochelle, Marcos Bulhões, Sofia Boito,  
Suzana Schmidt Viganó e Verônica Veloso.